

THE TROUBLE WITH HARRY / 1955

(*O Terceiro Tiro*)

um filme de Alfred Hitchcock

Realização: Alfred Hitchcock / **Argumento:** John Michael Hayes, baseado no romance homónimo de John Trevor Story / **Fotografia:** Robert Burks / **Música:** Bernard Herrmann, com a canção "Flaggin' the Train to Tuscaloosa" de Mack David (letra) e Raymond Scott (música) / **Efeitos Especiais:** John P. Fulton / **Montagem:** Alma Marcorie / **Direcção Artística:** Hal Pereira / **Cenários:** John Goodman, Sam Comer e Emile Kuri / **Guarda-Roupa:** Edith Head / **Som:** Harold Lewis e Winston Leverett / **Assistente de Realização:** Howard Joslin / **Interpretação:** Edmund Gwenn (Capitão Albert Wiles), Shirley MaLaine (Jennifer Rogers), John Forsythe (Sam Marlowe), Mildred Natwick (Miss Gravely), Mildred Dunnock (Mrs Wiggs), Royal Dano (Calvin Wiggs), Jerry Mathers (Arnie Rodgers, o miúdo), Parker Fennelly (o milionário), Barry MacCollum (o vagabundo), Dwight Marrfield (Dr. Greenbow), Leslie Wolf (o crítico de arte), Philip Truex (Harry Worp), Ernest Curt Bach (o motorista).

Produção: Paramount / **Produtor:** Alfred Hitchcock / **Cópia:** dcp, technicolor, legendada eletronicamente em português, 99 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 17 de Outubro de 1955 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, 15 de Março de 1956 / **Reposições Comerciais:** Estúdio, 27 de Outubro de 1966; Quarteto, 15 de Fevereiro de 1985.

The Trouble With Harry é apresentado com **Bang! You' re Dead**, de Alfred Hitchcock ("folha" distribuída em separado).

"*The Unexpected from Hitchcock*" - foi o *slogan* de publicidade para anunciar este famosíssimo filme. De então para cá, as reacções à obra parecem confirmar o acerto de tal frase. Por que se manteve a reputação que **The Trouble With Harry** era um caso à parte na obra de Hitchcock, tanto junto dos hitchcockianos (para quem este filme é uma espécie de parêntesis, um divertimento extremamente conseguido, mas que não adianta muito na obra do Autor) como junto dos que não têm por Hitch especial predilecção e que, pelo contrário, o consideram o seu momento mais alto, a sua obra-prima. Num ponto, todos estão de acordo: **The Trouble With Harry** é um Hitchcock diferente, obra sem precedentes e sem prolongamentos (afirmação discutível, quando se conhece a sua obra televisiva, iniciada exactamente no mesmo ano de 1955 e aonde se encontram filmes aproximáveis, como **Back For Christmas**, **Mr Blanchard's Secret**, **Arthur** ou mesmo **Lamb to the Slaughter**.)

The Trouble With Harry é um filme do ano em que Hitchcock se naturalizou americano. E tem-se dito que o filme é uma espécie de resposta a essa naturalização, como se o Autor quisesse demonstrar que não renegara o seu país natal, pegando num género e num tema particularmente britânicos: uma história de humor negro, com as peripécias cómicas em torno do cadáver sucessivamente enterrado e desenterrado do pobre Harry.

Numa desenvolvida análise, poder-se-ia discutir a singularidade profunda de **The Trouble With Harry**. O seu humor é fundamentalmente hitchcockiano (não há nenhum dos seus filmes, por mais grave que seja, onde não haja situações de humor equivalente), hitchcockiana é a ideia de um protagonista invisível (Harry na sua ausência omnipresente continua Rebecca, o Dr. Edwards de **Spellbound**, o Coronel Paradine, o Villette de **I Confess**, a Mrs. Thorwald de **Rear Window** e anuncia a Carlota Valdes de **Vertigo**, o George Kaplan de **North by Northwest**, a mãe de **Psycho**, etc), hitchcockiana também a associação morte violenta-sexo, neste filme em que tanto se brinca com uma como com outro. Mas se esses aspectos bem como muitas figuras de retórica (os quadros, as

portas, as casas de banho) são familiares no universo de Hitchcock, o tom é efectivamente diverso, embora, talvez, para dizer a mesma coisa.

Temos para começar a fabulosa oposição entre o *décor* e a história. Mesmo nas novelas ou filmes típicos do humor negro britânico (variantes e herdeiros das *gothic novels*) é de regra aproveitar-se um *décor* sinistro, para funcionar *a contrario sensu* (pense-se por exemplo na **Comedy of Terrors** de Tourneur). Aqui, pelo contrário, a espantosa fotografia de Burks dá-nos a ver a idílica região de Vermont, com as suas colinas e vales mergulhados numa doce luz outonal que parece convidar à paz e à harmonia. E é no meio (literalmente) dessa beleza natural, com um fundo musical igualmente idílico (a extraordinária partitura de Herrmann, na sua primeira colaboração com Hitchcock) que intervém o achado macabro do cadáver, nota dissonante, quase obscena, naquela harmonia pré-estabelecida.

Imediatamente vai surgir outra oposição não menos fundamental: a que existe entre a situação (provável crime) e as personagens todas de admirável aparente candura. Ainda aqui, Hitchcock procedeu ao contrário da convenção que pede para este género de filme gente sinistra (pense-se, por exemplo, em **The Ladykillers**). A primeira personagem a ver o cadáver é um miúdo ruivo e sardento; a segunda um pacífico capitão reformado que nos fala da felicidade dos que nada esperam; a terceira, uma solteirona de falinhas mansas; a quarta a mãe de Arnie (estreia no cinema da grande Shirley MacLaine); a quinta, um médico distraído; a sexta, um vagabundo rufião. Galeria de gente simpática que reage ao cadáver com absoluta e anormal normalidade. Sucodem-se os apontamentos geniais: a pergunta inicial de Miss Gravely ao Capitão: *"What seems to be the trouble, Captain?"* que Hitchcock considerava resumir o espírito de todo o filme: a reacção de Shirley MacLaine (*"Thank God: the end of Harry"*); os pedidos de desculpa do médico ao cadáver; as meias de cores diferentes; e o tom está dado. O objecto de horror (o cadáver) não assusta nem apavora ninguém e, pelo contrário, em torno dele se vão tecer várias relações sentimentais (John Forsythe - Shirley MacLaine, Edmund Gwenn - Mildred Natwick). O cadáver é apenas um picante suplementar para essas histórias, a sua própria inoportunidade trazendo os pretextos para que os casais se encontrem.

E entre sucessivos enterros e desenterros (consoante as conveniências do Capitão e o mistério do terceiro tiro) o cadáver fixa um grupo que acaba por ser tão confuso como ele. Apenas uma personagem (Alfred) parece reagir à situação com alguma normalidade, ou seja assumindo o "normal" comportamento policial. E é o único que fica fora do grupo, para o qual a questão de culpas ou desculpas se não põe, isto é, que funciona longe de qualquer temática de culpabilidade.

E por isso atrás se disse que este filme aparentemente diverso é a mesma história. Porque Hitchcock apenas nos reenvia, dum modo oblíquo, à sua eterna questão sobre a culpa, parecendo perguntar-nos o que aconteceria num mundo em que esse sentimento não existisse, e não existisse, exemplarmente, associado às duas instâncias privilegiadas dele: a morte e o sexo. Com a mesma "naturalidade" com que evoluem perante o cadáver, as personagens permitem-se singulares abordagens amorosas: o pintor declara logo a Shirley MacLaine que a quer pintar nua; Gwenn diz que Miss Gravely *"must be open some day"*, o pedido secreto do pintor e de Shirley era uma cama de casal.

Ou seja, todos parecem colocados no estádio da inocência total, estádio da inocência que, mitológica e bíblicamente, era o do homem e da mulher antes de terem conhecimento do bem e do mal. Ou seja, todos estão no paraíso, paraíso que o *décor* natural tão poderosamente sugere.

Nesse impossível e possível paraíso, o que funciona é, uma vez mais, e talvez nunca até este filme tão longe, a lógica do sonho. Naquele sítio onde se perdeu a noção do tempo (as confusões do miúdo sobre ontem, hoje e amanhã) tudo se transforma milagrosamente. Quando tudo se predispõe para o pesadelo, há um sonho cor de rosa com fadas boas (o milionário) a fazer milagres e varinhas de condão a transformar cadáveres em coelhos e a tornar uns e outros igualmente mágicos e igualmente oníricos.

Neste sentido, **The Trouble With Harry** é o reverso dos outros filmes de Hitchcock: ao mundo da culpa se contrapõe o universo onde ela não existe. Porque é que esse universo nos faz rir tanto? Talvez convenha, depois de rirmos, pensar nesta pergunta. Talvez Harry seja muito mais perturbante do que alguma vez pensámos.

JOÃO BÉNARD DA COSTA